



A VERTIGEM DAS LISTAS

Lúcia Castanho*

O autor italiano Umberto Eco está presente entre os mais lidos e citados por estudantes, teóricos e público em geral. Seu nome está associado ao livro *O nome da rosa* que foi transformado em filme e assistido por grande número de pessoas na década de 1980.

O livro *A vertigem das listas* foi escrito após um convite feito pelo Museu do Louvre para que o autor organizasse conferências, exposições e concertos a partir de um assunto indicado por ele. A lista foi o tema utilizado e, ao refletir sobre a escolha, Eco percebeu que seus romances estavam repletos delas.

Esta obra de Humberto Eco apresenta uma antologia literária e mais de cem obras artísticas que se revelam ao leitor por meio de listas. Eco nos mostra as possibilidades infinitas de elencar a literatura com Homero, Dante, Shakespeare, Vitor Hugo, Edgar Allan Poe, Neruda entre muitos outros, e na questão estética Bosh, Gustave Doré, Rubens, Andy Warhol e Damien Hirst, entre muitos artistas.

Os capítulos são nomeados conforme seus diferentes conteúdos: Lista de Coisas, Lista de Lugares, Lista de Maravilhas, Lista de Vertigens, Lista Poética, entre outros títulos. O autor esclarece, no Prefácio, sobre a dificuldade de fazê-las, escolher entre tantos autores e artistas e, que seus leitores com certeza irão achar falta de alguns importantes escritores nessas listagens. Diz: “não sou onisciente e não conheço uma infinidade de textos em que as listas ocorrem” (ECO, 2010, p. 7), e que para que isso se tornasse real precisaria de, pelo menos, 1.000 páginas.

São quatrocentas páginas de trechos de textos conhecidos do público e de obras importantes para a história da arte. Entre tantas formas de listas, escolho as que podem elucidar essa trama tão bem elaborada por Umberto Eco.

Inicia seu estudo pelo Escudo e a Forma e nos conduz à narrativa de Homero, na qual ele faz uma descrição literária de uma obra visual: descreve o mundo e nos mostra a possibilidade de colocar todo o universo dentro do mesmo espaço, isto é, dentro de um escudo. Inicia a partir do centro e avança gradativamente para fora, camada por camada da forma.

* Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Discente dos cursos de Arquitetura, Design e Design de Moda da Universidade de Sorocaba (Uniso).

Para mostrar ao leitor outra maneira de descrever a dimensão das listas, ele faz uso do termo *et cetera*. Ele a utiliza para discorrer sobre o elenco visual, para explicar que uma ideia pode se estender para fora do quadro e permitir ao observador que descubra o que está fora dos limites da moldura. O que acontece também ao falar do indizível, pois algumas listas são impossíveis de serem nomeadas, e cabe ao leitor fazê-lo. Diz: "Assim como Homero não consegue nomear todos os guerreiros argivos, Dante não saberá como nomear todos os anjos do céu, porque não conhece..." (ECO, 2010, p. 50).

Lista de coisas, de cheiros, de lugares e entre outros autores relata o desespero de Jorge Luís Borges em *Aleph*, a necessidade dele em descrever por meio da linguagem o que via. "Via claramente de todos os pontos do universo, vi o mar populoso, via a Alvorada da tarde, vi as multidões da América" (ECO, 2010, p. 110) e assim por diante ele descreve tudo que viu:

[...] vi a circulação do meu sangue escuro, vi a engrenagem do amor e a transformação da morte, vi o Aleph, de todos os pontos, vi no Aleph a terra, e na terra outra vez o Aleph e no Aleph a terra, vi meu rosto e minhas vísceras, vi teu rosto, e senti vertigem e chorei, porque meus olhos tinham visto aquele objeto secreto e conjectural cujo nome os homens usurpam, mas que nenhum homem contemplou: o inconcebível universo (ECO, 2010, p. 111).

Mais adiante, faz uma distinção entre lista prática e lista poética. Lista de compras, de convidados, listas de lugares a serem visitadas, listas práticas do mundo exterior, listas finitas, são listas práticas. Fazemos listas poéticas, segundo o autor, "porque não somos capazes de enumerar alguma coisa que escapa às nossas capacidades de controle e dominação" (ECO, 2010, p. 117), e completa "como do catálogo dos navios de Homero" (p. 117).

Percorre a história através do tempo e nomeia uma a uma todas as formas possíveis de lista, segundo ele próprio as possíveis, por não caberem em um objeto – livro. Descreve o período do renascimento como um ponto em que ocorreram mudanças consideráveis na questão do colecionismo. Não mais relíquias de santos, mas curiosidades sobre o corpo humano, como exemplo o *Museum Kircherianum* de Bonanni, que coleciona entre outros objetos "cintos de indígenas brasileiros enfeitados com dentes das vítimas devoradas, pássaros exóticos e outros animais embalsamados [...]" (ECO, 2010, p. 203)

E, assim, percorremos listas e mais listas, cada uma com um toque memorável. Com referências das mais instigantes feitas pelo autor, semelhanças no conteúdo dos textos, formas diferentes de contar uma determinada história, a história do tempo de cada um, a sua construção de mundo.

É um livro no qual as imagens aparecem em abundância. O autor parte da história da arte desde o século IV até o tempo atual. Ao utilizar a técnica da lista, faz uma menção à sociedade dos meios de comunicação de massa, pois vê semelhança entre muitos aspectos, em sua forma de listar e o colecionismo da sociedade atual. Ele "pretende, aliás, reconfirmar que

o universo da abundância e dos consumos à disposição de todos representa o único modelo de sociedade organizada" (ECO, 2010, p. 353).

Percorrer as quatrocentas páginas desse livro nos faz debruçar sobre textos de Dante Alighieri, Roland Barthes, Italo Calvino, Cervantes, Paul Eluard, Goethe, James Joyce, Ulisses, Thomas Mann, Pablo Neruda, Rabelais, Proust, obras de Arcimboldo, Blake, Bosh, Breton, Dalí, Goya, Leonardo Da Vinci, Damien Hirst *et cetera*.

ECO, H. *A vertigem das listas*. Rio de Janeiro: Record, 2010. 408 p.